

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CÂMPUS DE AQUIDAUANA
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

GABRIEL FERNANDO DERVALHO ALVES

**O DEBATE SOBRE O AMOR, A LOUCURA E A MORTE EM EDGAR ALLAN
POE E HORACIO QUIROGA**

Aquidauana – MS

Fevereiro/2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CÂMPUS DE AQUIDAUANA
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

GABRIEL FERNANDO DERVALHO ALVES

**O DEBATE SOBRE O AMOR, A LOUCURA E A MORTE EM EDGAR ALLAN
POE E HORACIO QUIROGA**

Trabalho de Conclusão de Curso sob a orientação da
Prof.^a Dr.^a Diana Milena Heck apresentado como
exigência parcial para a conclusão do curso de
Licenciatura em Letras- Inglês.

Aquidauana – MS

Fevereiro/2024

FOLHA DE APROVAÇÃO

GABRIEL FERNANDO DERVALHO ALVES

**O DEBATE SOBRE O AMOR, A LOUCURA E A MORTE EM EDGAR ALLAN
POE E HORACIO QUIROGA**

Trabalho de Conclusão de Curso sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Diana Milena Heck apresentado como exigência parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras- Inglês.

Resultado: Aprovado.

Aquidauana- MS, 05 de fevereiro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Prof.^a Dr.^a Diana Milena Heck (UFMS/CPAQ)

Prof. Dr. Felipe Lima (UFMS/CPAQ)

Prof. Dr. Marcos Rogério Heck Dorneles (UFMS/CPAQ)

RESUMO

A pesquisa de Literatura Comparada teve como objetivo analisar a representação da morte e do morrer em obras de Edgar Allan Poe e Horacio Quiroga. Esses dois renomados autores abordam o tema da morte de maneiras distintas: Poe explora a complexidade da mente humana e desafia os limites morais, enquanto Quiroga adota uma abordagem mais objetiva e realista ao lidar com a morte. A pesquisa utilizou uma metodologia baseada em revisão bibliográfica e análise comparativa dos contos “O Gato Preto”(2012), de Edgar Allan Poe, e “O Solitário” (2018), de Horacio Quiroga, examinando não apenas a representação da morte, mas também temas interligados como trauma, obsessão, horror, medo, mistério e terror. Ambos os autores conseguiram criar personagens complexos e atormentados, enriquecendo suas narrativas com detalhes vívidos. Os resultados da pesquisa permitiram identificar como a literatura veicula as relações entre vida, morte e morrer, ampliando os estudos literários e a compreensão humana sobre esse tema. Conclui-se que a morte desempenha um papel fundamental nas obras de Poe e Quiroga, proporcionando uma perspectiva sobre as relações misteriosas que interligam a vida e a morte na literatura.

Palavras-chave: Edgar Allan Poe. Horacio Quiroga. Morte.

ABSTRACT

The Comparative Literature research aimed to analyze the representation of death and process of dying in the pieces of Edgar Allan Poe and Horacio Quiroga. These two renowned authors approach the topic of death in different ways: Poe explores the complexity of the human mind and challenges moral limits, whereas Quiroga adopts a more objective and realistic approach when dealing with death. The research used a methodology based on bibliographical review and comparative analysis of the short stories “The Black Cat” (2012), by Edgar Allan Poe, and “The Solitaire” (2018), by Horacio Quiroga, examining not only the representation of death, but also interconnected themes such as trauma, obsession, horror, fear, mystery and terror. Both authors managed to create complex and tormented characters, enriching their narratives with vivid details. The research's results made it possible to identify how literature conveys the relationships between life, death and dying, expanding literary studies and human understanding of this topic. It is concluded that death plays a fundamental role in the works of Poe and Quiroga, providing a perspective on the mysterious relationships that interconnect life and death in literature.

Keywords: Edgar Allan Poe. Horacio Quiroga. Death.

AGRADECIMENTOS

Manifesto minha profunda gratidão aos meus ancestrais, cujas lutas abriram caminho para que pessoas de nossa cor pudessem conquistar nossos lugares e direitos na sociedade.

Agradeço imensamente à minha mãe, Patrícia Aparecida Dervalho, por sempre ter me incentivado a perseguir meus sonhos, e ao meu pai, José Pereira de Brito, por ser um pilar fundamental em minha jornada. Aos meus queridos irmãos, Lucas, Laura e José, que são meu porto seguro. À Minha avó, Rafaela, que representa minha fortaleza, serei eternamente grato por todo seu apoio.

Agradeço também aos meus queridos primos e primas, tios e tias, em especial à Keli Fernanda Pelicioni e Deonilson Rodrigues Tavares, que sempre me incentivaram nos estudos. Aos meus amigos e as suas famílias, que me acolheram ao longo desta jornada: vocês moram em meu coração!

Expresso minha gratidão a todos os professores que cruzaram meu caminho desde os primeiros passos na pré-escola até a graduação, especialmente àqueles que despertaram em mim o interesse pela Literatura e, de alguma forma, contribuíram para a construção da minha visão crítica.

Um agradecimento especial à minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Diana Milena Heck, que acreditou em mim e me proporcionou a oportunidade de trabalharmos juntos, mesmo diante das minhas dificuldades.

Guardo carinhosamente lembranças de todas as pessoas que me estenderam a mão. Muito obrigado por fazerem parte desta jornada e por serem fundamentais em minha vida. Esta conquista também é de vocês!

Estou certo de que é apenas o começo de muitas vitórias que ainda estão por vir!

SUMÁRIO

| | |
|---|--------------------------------------|
| 1. INTRODUÇÃO | 8 |
| 2. O AMOR, A LOUCURA E A MORTE EM EDGAR ALLAN POE E HORACIO QUIROGA..... | 11 |
| 2.1 "O gato preto"..... | 11 |
| 2.2 "O solitário"..... | 17 |
| 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 27 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | Erro! Indicador não definido. |

INTRODUÇÃO

Na cultura inglesa, o *Halloween* sempre exerceu um fascínio inegável, evocando imagens de mistério, horror e a promessa de uma noite onde os limites entre o mundo dos vivos e dos mortos se tornam mais tênues. Foi nesse cenário que minha admiração por Edgar Allan Poe começou a florescer durante meus anos no ensino médio. Ao ingressar no curso de Letras, minha paixão pela literatura foi impulsionada e aprofundada, levando-me a explorar as complexidades da Literatura Comparada.

Durante a pesquisa, foi possível perceber certa influência de Edgar Allan Poe (1809-1849) na obra de Horacio Quiroga (1878-1937), conforme explicitado no “Decálogo do perfeito contista” (1927), por meio das próprias palavras de Quiroga. Este faz referência ao primeiro mandamento de sua obra ao afirmar: “*Cree en un maestro – Poe, Maupassant, Kipling, Chejov – como en Dios mismo*”¹ (QUIROGA, 1927, p. 407). Além disso, observei a marcante relevância desses autores em seus contextos geográficos em relação à teoria moderna do conto.

Ao participar de um evento na UFMS que unia as celebrações do *Halloween* e do Dia dos Mortos, mergulhei nos diferentes contextos geográficos e culturais relacionados à morte. Foi nesse contexto que minha orientadora me apresentou a obra de Horacio Quiroga, e fui cativado pelo seu estilo de escrita único.

Poe, conhecido por sua significativa contribuição à literatura gótica e ao gênero do horror, desenvolveu contos e poemas que exploram temas sombrios e macabros, adentrando o lado obscuro da condição humana. Esses elementos exerceram uma influência marcante sobre Quiroga, evidente na exploração dos temas de horror e morte, compartilhando ambos o uso frequente da morte como elemento central.

Quiroga, proeminente escritor uruguaio naturalizado argentino, reconhecido por suas contribuições à literatura, especialmente em contos góticos e de horror, reflete a influência de Edgar Allan Poe em diversos aspectos de sua obra. Conforme Castillo (1996, p. 31), Quiroga “[...] *fue, para Latinoamérica, el inventor del cuento*”². Ambos os autores revolucionaram a teoria do conto em seus distintos contextos geográficos e períodos: Poe foi para os Estados Unidos o que Quiroga foi para a América Platina.

A relação entre Edgar Allan Poe e Horacio Quiroga é de grande relevância na análise da literatura hispano-americana, sobretudo no tocante à narrativa de terror e à estruturação de

¹ “Acredite em um mestre - Poe, Maupassant, Kipling, Tchecov – como se fosse o próprio Deus” (Tradução nossa).

² “foi, para a América Latina, o inventor do conto” (Tradução nossa).

contos. Quiroga, considerando Poe um de seus mestres mais importantes, adotou seu estilo narrativo para criar uma atmosfera de tensão e terror em seus contos, explorando o subconsciente e os aspectos obscuros da mente humana. Nesse sentido, Englekirk (1949, p. 323) destaca que “[...] *ningún prosista hispánico ha expresado tan vivamente el espíritu de los cuentos de Poe como Quiroga*”³. Essa influência é percebida na habilidade de Quiroga em construir narrativas enigmáticas e perturbadoras, cativando o leitor, assim como seu mestre Edgar Allan Poe.

Conforme Lafforgue (1990), a influência de Poe em Quiroga é inegável e profunda, evidenciando-se em diversos aspectos de sua obra. Por meio de análises e estudos críticos, Lafforgue destaca como Quiroga assimila e expande as lições de seus mestres literários, incluindo Poe. O pesquisador avalia “O Travesseiro de Penas” e “A Galinha Degolada” como os contos que:

aparte de ser dos de los textos más difundidos del salteño, suponen la asimilación definitiva [...] de las lecciones de sus maestros Poe y Maupassant, textos donde el aprendizaje ha dado lugar al pleno dominio de la técnica narrativa, pero que asimismo muestran el trabajo sobre el horror, el horror propio, sin impostaciones literarias⁴ (LAFFORGUE, 1990, p. 75)

Lafforgue (1990) destaca ainda como Quiroga, inspirado por Poe, desenvolveu um estilo distintivo, mantendo elementos comuns, mas também adicionando sua perspectiva única à literatura de horror e mistério. Os personagens complexos e atormentados são outra área de influência notável, refletindo a tradição de Poe. Ambos os autores empregaram uma linguagem elaborada para pintar imagens vívidas na mente dos leitores, contribuindo para a imersão nas histórias.

Essa abordagem contribui para a imersão do leitor nas histórias e para o estabelecimento de uma conexão emocional com os eventos e personagens. A exploração do sobrenatural e do inexplicável é uma característica recorrente nas obras dos autores. Ambos optaram por deixar questões em aberto, permitindo que o leitor tirasse suas próprias conclusões sobre eventos misteriosos e perturbadores.

³ “nenhum prosista hispánico expressou tão vividamente o espírito dos contos de Poe como Quiroga” (Tradução nossa).

⁴ Além de serem dois dos textos mais difundidos do saltenho, eles representam a assimilação definitiva [...] das lições de seus mestres Poe e Maupassant, textos nos quais a aprendizagem deu lugar ao pleno domínio da técnica narrativa, mas que também mostram o trabalho sobre o horror, o horror próprio, sem impostações literárias (Tradução nossa).

Conforme Čadová (2007), a impactante influência de Poe na trajetória literária de Quiroga vai além da mera temática de seus contos, estendendo-se ao desenvolvimento de seu estilo modernista e simbolista. Quiroga, alinhado a diversos escritores latino-americanos contemporâneos, visualizou em Poe um modelo a ser seguido no contexto do modernismo, encontrando inspiração no autor norte-americano para explorar temas mais profundos e abstratos.

Essa influência se destaca de maneira notável em suas obras modernistas, como é evidenciado em *Los recifes de coral* (1901), onde Quiroga, à semelhança de Poe, emprega uma linguagem mais elaborada e adentra o terreno da simbologia. Esse processo contribui significativamente para a construção de um estilo literário singular e refinado por parte de Quiroga.

Em resumo, eles compartilham temas, estilo literário e a busca pela excelência na forma literária. Quiroga foi além de uma mera imitação, incorporando essas influências em sua própria voz literária, moldando assim o desenvolvimento da literatura hispano-americana no século XX. Essa relação de mestre e discípulo deu origem a uma rica tradição literária de terror e narrativas psicológicas que ecoa nas obras de muitos autores subsequentes na região.

Nesta pesquisa de Literatura Comparada, pretende-se analisar dois contos emblemáticos dos autores mencionados: “O Gato Preto”⁵, de Edgar Allan Poe, e “O Solitário”⁶, de Horacio Quiroga. A escolha desses contos se deve à maneira como ambos os autores mergulham nas profundezas da psicologia humana, explorando temas como culpa, violência, insanidade e a fronteira entre o sobrenatural e o racional. As narrativas oferecem uma exploração aprofundada dos temas do medo, amor, culpa e loucura, e esta análise visa lançar luz sobre as complexidades dessas narrativas e seu impacto duradouro na literatura.

⁵ POE, Edgar Allan. **Contos de Imaginação e Mistério**. Tradução: Cássio de Arantes Leite. São Paulo: Tordesilhas, 2012.

⁶ QUIROGA, Horacio. **Contos de amor, de loucura e de morte**. Tradução: John Lionel O’Kuinghttons. Rio de Janeiro: Hedra, 2018.

1. O AMOR, A LOUCURA E A MORTE EM EDGAR ALLAN POE E HORACIO QUIROGA

2.1 “O gato preto”

O conto “O Gato Preto” foi publicado por Edgar Allan Poe em 1843, e desde então tornou-se uma das obras mais notáveis da literatura gótica. Curiosamente, essa narrativa também conquistou um lugar de destaque na história do cinema sonoro, sendo frequentemente escolhida como inspiração por diversos diretores (ARAÚJO FILHO, 2015). Dando início à análise, vê-se que há um narrador personagem que não acredita no que protagoniza e narra, conforme ele mesmo atesta no seguinte trecho: “[...] num episódio que até meus próprios sentidos rejeitam o que testemunharam” (POE, 2012, p. 81).

Nesta narrativa, Poe mergulha em temas complexos, como culpa, violência e insanidade, por meio da perspectiva de um personagem anônimo cuja personalidade passa por uma transformação trágica ao longo do enredo. O autor, conforme Paula (2012), condensa as ações e elementos principais em seu conto para criar um efeito particular. No entanto, ele o faz com uma meticulosidade na construção da sequência imagética, criando uma atmosfera única. Inicialmente, o autor relembra de sua meninice:

Desde a infância sempre me fiz notar pela docilidade e humanidade de meu temperamento. Minha ternura de coração era de fato tão evidente que me tornava objeto de troca entre meus companheiros. Tinha particular afeição por animais e fui mimado por meus pais com grande variedade de bichos de estimação. Com eles passava maior parte do tempo e nunca me sentia tão feliz como nas ocasiões em que os alimentava e acariciava (POE, 2012, p. 81).

O trecho acima oferece uma visão fundamental da transformação do narrador ao longo da história. De início, ele descreve sua infância como uma época de docilidade, humanidade e profunda afeição por animais. No entanto, à medida que a narrativa progride, esse retrato da personalidade inicial do narrador se torna uma base para a compreensão de sua transformação. A docilidade e ternura que ele exibía na infância estão em contraste com o comportamento perturbado e violento que ele demonstra posteriormente, particularmente em relação aos animais de estimação.

Nesse contexto, é fundamental considerar a observação de Spiller (1961, p. 104) sobre a arte de Poe, a qual descreve como uma “arte dos elementos contrários e das compensações.” Isso se torna evidente quando analisamos a transformação do narrador ao longo da história e

seus sentimentos na infância. Essa descrição se encaixa perfeitamente com a maneira como Poe habilmente equilibrava elementos contrastantes em suas obras, criando uma tensão distintiva que caracteriza seu estilo literário.

O autor frequentemente explorava a dualidade inerente à natureza humana e as complexas interações entre a sanidade e a loucura, o amor e o ódio, bem como a vida e a morte. Estes contrastes podem ser interpretados como os elementos contrários mencionados por Spiller (1961). Por outro lado, as compensações podem ser compreendidas como a ideia de que cada ação desencadeia uma reação correspondente, ou que cada personagem ou evento em suas histórias possui um contraponto que influencia o desenvolvimento da trama.

No decorrer da narrativa conhecemos seu gato de estimação, Pluto, que “[...] era um animal notavelmente grande e belo, todo negro, e esperto em um grau espantoso” (POE, 2012, p. 82). Contudo, a dependência alcoólica desencadeia uma mudança drástica no comportamento do narrador. Essa transformação é refletida nas palavras do próprio narrador quando ele diz: “mas a doença tomou corpo em mim – pois que doença se compara ao Álcool?” (POE, 2012, p. 83). Nesse contexto, é crucial destacar a complexidade do conto e a profundidade da psicologia do narrador. A mudança de comportamento não é apenas resultado do alcoolismo, mas também pode ser interpretada como uma metáfora da deterioração mental do protagonista.

No auge de sua decadência moral, o protagonista realiza um ato de extrema violência, arrancando de maneira brutal um dos olhos de Pluto, um gesto que o atormenta com remorso e horror. Ele narra este ato declarando: “Tirei do bolso um pequeno canivete, abri-o, agarrei o pobre animal pela garganta e deliberadamente arranquei um de seus olhos da órbita. Coro, enrubesço, estremeço conforme descrevo a abominável atrocidade” (POE, 2012, p. 83). No entanto, a crueldade de sua ação pareceu não satisfazê-lo. Assim, a perversidade tomou conta dele, levando-o a um desejo obsessivo de torturar a própria alma. Ele enforca Pluto, pondo fim à vida do animal. O narrador relata esse ato sombrio dizendo: “Certa manhã, com sangue-frio, passei um laço em torno de seu pescoço e o enforquei em um galho de uma árvore – fiz isso com lágrimas nos olhos e com o remorso mais amargo no coração [...]” (POE, 2012, p. 84).

Entretanto, seu tormento se intensifica com o surgimento inexplicável de um segundo gato com uma marca estranha que se assemelha a uma forca no pescoço. “Aproximei-me e o toquei com a mão. Era um gato preto – muito grande – tão grande quanto Pluto, e muito parecido com ele em todos os aspectos, exceto um. Pluto não tinha um único pelo branco em todo o seu corpo; mas esse gato exhibe uma mancha branca enorme, embora indefinida, a lhe cobrir toda a região do peito” (POE, 2012, p. 86). Conforme a narrativa avança, o comportamento do segundo gato, ainda mais perturbador que o primeiro, simboliza a presença do sobrenatural e

da própria culpa do protagonista, levando-o ao abismo da loucura e do inescapável destino trágico.

No que diz respeito ao tema do duplo, em consonância com Silva e Leite (2018, p. 1-2):

Na literatura, o duplo manifesta-se como resultado de uma confrontação entre duas facetas de um mesmo personagem (o original e a cópia deste), com uma continuação física e/ou psicológica entre os dois. O confronto realiza-se através da presença simultânea do original e da cópia, tornada possível por fenômenos como o espelhamento e a contemplação de sua imagem pelo personagem, por exemplo.

Desse modo, Pluto e o segundo gato que surge após a tragédia representam o duplo do protagonista da trama. Inicialmente, Pluto é um animal de estimação querido, mas sua transformação obscura o torna uma fonte de medo. Este primeiro gato reflete a dualidade moral e emocional do narrador. Já o segundo gato é uma cópia simbólica de Pluto, com uma marca branca na pelagem, que representa o lado obscuro e corrupto do narrador, refletindo suas ações violentas e declínio moral. A presença simultânea desses gatos reflete a continuidade psicológica entre o protagonista e seu lado sombrio, evidenciando a dualidade e confrontação interna enfrentada pelo personagem, conforme se demonstra no trecho:

Gradativamente, esses sentimentos de repulsa e irritação evoluíram para amargura e ódio. Eu evitava a criatura; uma vaga sensação de vergonha e a lembrança de meu antigo ato de crueldade impediam-me de cometer algum abuso físico. Abstive-me, por algumas semanas, de aplicar-lhe maus-tratos ou usar violência de qualquer espécie; mas, gradualmente – muito gradualmente – comecei a lhe devotar o mais inexprimível asco, e a fugir em silêncio de sua odiosa presença como se fosse o hálito de uma pestilência. (POE, 2012, p. 86).

O espelhamento físico e psicológico entre Pluto e o segundo gato exemplifica a manifestação do duplo na narrativa de Poe, simbolizando os conflitos internos do protagonista que culminam no abismo da loucura e do destino trágico do personagem central. A aparição do segundo gato, com sua peculiar marca em forma de forca, e seu comportamento desafiador contribuem para a crescente sensação de terror e o clima sinistro da história. Eles também marcam um ponto de virada, indicando que a insanidade do protagonista está em rápido crescimento e que ele está à beira de cometer atos ainda mais terríveis.

Certo dia, a presença do segundo gato quase o fez cair nos degraus da escada, passando por entre suas pernas, o que o deixou furioso. Então, o homem que não sabemos o nome, decide dar um golpe de machado no bicho a fim de “aliviar” todas as suas sombras. Esse momento representa uma virada impactante na trama, em que a violência atinge um ponto extremo e irreparável. O narrador é consumido por sua raiva e ódio em relação ao segundo gato que cruza seu caminho. O simples ato de o gato quase o fazer cair nos degraus da escada desencadeia um acesso de fúria intensa. Desse modo, o desfecho dessa cena é aterrorizante e trágico.

Quando o narrador tenta golpear o gato, sua esposa intervém, talvez numa tentativa desesperada de proteger o animal ou, possivelmente, intervir na fúria incontrolável de seu marido. Infelizmente, essa intervenção acidentalmente resulta em um ato de violência ainda mais terrível: o assassinato de sua esposa. “[...] mas o golpe foi interrompido pela mão de minha esposa. Instigado por essa interferência numa fúria mais que demoníaca, libertei meu braço e enterrei o machado em seu cérebro. Ela tombou morta imediatamente, sem um gemido” (POE, 2012, p. 88).

A esposa do narrador é retratada como uma figura passiva e indefesa, cujo destino trágico é selado pela loucura e violência de seu marido. O assassinato da esposa mostra como a violência e a deterioração mental do narrador resultam em uma tragédia irreversível: “[...] minha resignada esposa, ai de mim!, era a mais habitual e a mais paciente das vítimas” (POE, 2012, p. 88). Certamente, a morte trágica da esposa é o culminar de uma sucessão de atos violentos, começando com a crueldade contra seus animais de estimação, em especial o assassinato brutal de Pluto.

O desfecho revela um progressivo mergulho na loucura, alimentado por sua crescente embriaguez. O protagonista, após pensar muito, esconde o corpo da esposa na parede da casa, mas a presença do segundo gato preto, miando misteriosamente e incessantemente atrás da parede, revela o crime. A loucura do narrador é representada de forma intensa e simbólica pelo surgimento do segundo gato preto e pelas alucinações que ele começa a experimentar incluindo o som persistente do animal miando atrás da parede após ter ocultado o cadáver de sua esposa lá, o que leva, inclusive, a polícia a desvendar o crime e descobrir que o marido havia escondido o corpo de sua esposa. A culpa lhe atormenta, mas sua mente já está tão deteriorada pela insanidade que ele não consegue mais enfrentar a realidade de forma racional. “Eu emparedara o monstro dentro da tumba” (POE, 2012, p. 92).

Conforme Araújo Filho (2015, p. 53), a Literatura gótica norte-americana “engloba o caos e a ausência, muitas vezes também em lugares fechados, sobrenaturais, com personagens atormentados por emoções fortes, como o amor obsessivo e profunda dor.” Nesse sentido, o

conto “O Gato Preto”, de Edgar Allan Poe, pode ser considerado um exemplo paradigmático da literatura gótica norte-americana. A presença do caos permeia a narrativa à medida em que testemunhamos a deterioração da sanidade do protagonista e a escalada de violência que culmina no assassinato brutal de sua esposa.

Em sua “Filosofia da Composição” (1987), Edgar Allan Poe estabelece os princípios de uma poética do conto, na qual todos os elementos narrativos devem convergir harmoniosamente para alcançar o efeito desejado. Sua moderna teoria do conto é fundamental para a autonomia e a importância desse gênero literário, enfatizando a necessidade de empregar meios mínimos para provocar feitos máximos. Essa brevidade é influenciada pelo contexto do século XIX, em que a literatura frequentemente era publicada em revistas e jornais, conforme Marmorato (1979) aponta.

Quanto aos elementos da narrativa, “[...] os espaços, na obra de Poe, são em sua grande maioria, são circunscritos, fechados. Ele quase ‘esmaga’ as personagens por ser muito reduzido, delimitado e com um alto valor simbólico.” (PAULA, 2012, p. 69). No conto em análise, a casa representa um ambiente doméstico e sombrio, um microuniverso onde os eventos se desenrolam, com o porão como o local significativo dentro da narrativa, como evidenciado quando o narrador declara: “Decidi emparedá-la no porão – como ouvia dizer que monges da idade média faziam com suas vítimas. (POE, 2012, p. 88). Sendo assim, conforme Roas (2001, p. 2), “[...] o espaço na obra fantástica, portanto, deve ser familiar ao do leitor para que a interferência do elemento insólito abale sua estabilidade.”

No que diz respeito ao tempo, o narrador autodiegético do conto revela desde o início que está contando eventos passados, situando-se num momento posterior à narrativa principal. De acordo com Marmorato (1979), isso pode ser interpretado como um “exercício catártico”, no qual o narrador busca, através da narração, redimir os horrores do passado em busca de alguma compaixão no presente. “O herói de Poe é prisioneiro de uma condição humana da qual não pode escapar, por ser fraco. Esta condição de fraqueza do homem frente aos mistérios da vida e da morte é que gera o terror e piedade” (MARMORATO, 1979, p. 89-90).

No conto, pode-se observar que o tempo é marcado pelo ciclo do dia e da noite. “Certa noite, voltando para casa, muito embriagado, de uma de minhas tavernas pela cidade [...]” (POE, 2012, p. 83). Inicialmente, os atos grotescos ocorrem à noite, quando a razão parece ceder ao terror, mas o retorno do dia traz de volta a lucidez e a culpa: “Quando a razão me voltou pela manhã [...]” (POE, 2012, p. 83). Essa alternância entre escuridão e luz contribui para a atmosfera angustiante do conto e para o desdobramento dos eventos. Em consonância com Paula (2012, p. 80), “o tempo, em ‘O gato preto’, não obedece a um padrão de medida

rígido pelo relógio. Ele dilui-se em marcas de impressão que se apresentam como marcos temporais”.

Em “O Gato Preto”, a fronteira entre o sobrenatural e o racional é intencionalmente mantida ambígua, já que o autor costura elementos sobrenaturais em suas histórias deixando espaço para interpretações racionais, ao mesmo tempo em que mantém uma sensação de inquietante mistério. Um exemplo notável disso é a simbologia do gato preto. O animal é frequentemente associado a superstições e crenças negativas, como azar, bruxaria e o mal propriamente dito. Desse modo:

É um símbolo ambivalente e marginalizado, sendo um representante de alteridade. O mesmo animal é cultuado no Egito como uma figura positiva, protetora dos lares e ligado à deusa Bastet e demonizado na Idade Média, quando era tido como mascote de bruxas e símbolo do diabo (OLIVEIRA, 2014, p.14).

No conto, o gato preto assume um papel simbólico, representando a presença da perversidade e da própria insanidade do narrador. Sua aparição e seu persistente miar servem para atormentar ainda mais a consciência culpada do protagonista, indicando que ele não pode escapar das consequências de seus atos terríveis.

Nesse contexto, encontramos várias personagens que têm o gato preto como animal de estimação, o qual é um símbolo amplamente associado à cultura popular e às representações de bruxas. Exemplos notáveis incluem as irmãs Sanderson, do filme “Abacadabra” (1993), e Sabrina, da série “O Mundo Sombrio de Sabrina” (2018), que possuem o animal como companheiro fiel.

Essas representações contribuem para a construção do imaginário cultural e sua relação com o misticismo e o sobrenatural. Esses princípios estão profundamente enraizados na cultura ocidental e encontram sustentação na Teoria Antropológica do Imaginário, proposta por Gilbert Durand, conforme exposta em sua obra “As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia” (2010).

Nessa teoria, o conceito de imaginário abrange o conjunto de “[...] todas as imagens do passado, as potencialmente viáveis, as já produzidas e as que estão por ser criadas” (DURAND, 2010, p. 06). Sendo assim, o estereótipo contribui para reforçar a ideia de que o gato preto é um animal misterioso e sinistro, enraizando-se em nossa cultura como um símbolo carregado de superstições e medos ancestrais.

Em suma, o conto de Poe mergulha nas profundezas da escuridão da alma humana, explorando de maneira implacável a interligação entre violência e insanidade. Por meio dessa narrativa, somos desafiados a contemplar os aspectos mais sombrios da natureza humana e a considerar as consequências devastadoras que emergem quando vícios, violência e a deterioração da sanidade se entrelaçam. O assassinato da esposa representa não apenas a degradação moral do narrador, mas também a perda completa de sua humanidade.

Assim, o animal, com sua presença atormentadora, emerge como a única testemunha silenciosa dos horrores que desenrolam essa trágica história.

2.2 “O solitário”

“O solitário” é um conto que apresenta um narrador observador que nos envolve através do conflito entre o casal Kassim e Maria. O autor é Horacio Quiroga, o qual aborda a falta de amor e a obsessão em um relacionamento. A história se concentra no marido, um joalheiro doente e solitário, e em sua esposa, que é apaixonada, mas insatisfeita. Conforme as reflexões de Camargo (2015, p. 34), “Quiroga descreve seus personagens com objetividade”, revelando um retrato vívido e realista dessas figuras.

Através da narrativa, Kassim é descrito como um homem doente e reservado, dedicado ao seu trabalho como joalheiro: “Trabalhava para as grandes casas, sendo sua especialidade a montagem de pedras preciosas. Poucas mãos eram como as suas para os engastes delicados” (QUIROGA, 2018, p. 47). Enquanto Maria é uma mulher bonita e apaixonada que anseia por uma vida luxuosa e cheia de joias: “A moça, oriunda da rua, com sua beleza tinha aspirado em enlace mais elevado. Esperou até os vinte anos, provocando os homens e as vizinhas com seu corpo” (QUIROGA, 2018, p. 47).

Ambos estão presos em um casamento carente de amor e compreensão mútua, conforme a tensão do diálogo revela:

- Você não é feliz comigo, Maria – expressava depois.
- Feliz! E você tem coragem de dizer! Quem poderia ser feliz com você?... nem a última das mulheres... Um coitado! - terminava com um riso de nervoso, saindo (QUIROGA, 2018, p. 48-49).

No decorrer da trama, podemos observar a relação conturbada do casal. O esposo era extremamente dedicado ao trabalho, um aspecto evidenciado em várias passagens: “Para conseguir um adicional, trabalhava também aos domingos” (QUIROGA, 2018, p. 48). Por sua

vez, Maria sempre sonhou em ganhar alguma joia, havia um comportamento ansioso da parte dela, como explicitado no trecho: “Acompanhava o trabalho com uma fome louca de que ele terminasse logo, e assim que ele preparava a joia, corria com ela para se ver no espelho. Depois, um ataque de choro” (QUIROGA, 2018, p. 49).

Observa-se a aplicação da teoria do conto em “O solitário”, pois trata-se de uma narrativa curta, porém profundamente intensa. A voz do narrador se entrelaça com a tensão presente nos diálogos entre o casal Kassim e Maria, consolidando assim a proposta de causar um impacto singular no leitor. Nos estudos de Gotlib (2006) sobre Edgar Allan Poe, é feita referência à teoria de Poe sobre o conto, estabelecendo uma conexão entre a extensão da narrativa e o impacto emocional que ela provoca no leitor. Essa ideia está diretamente relacionada ao conceito de unidade de efeito proposto por Poe, o qual, em certa medida, exerceu influência sobre Horacio Quiroga.

O clímax do conto ocorre quando a esposa rouba uma das joias criadas pelo marido e a usa sem permissão. Isso desencadeia um confronto entre eles, revelando a desesperança e a insatisfação de Maria no casamento. A situação piora quando ela exige mais joias e acusa Kassim de roubar sua vida.

[...] Kassim percebeu que faltava um prendedor – cinco mil pesos em dois solitários. Procurou novamente nas gavetas.
 - Você viu por aí o broche, Maria? Deixei aqui.
 - Sim, vi.
 - E onde está? – virou-se intrigado
 - Aqui!
 Sua mulher com os olhos acesos e a boca debochada, levantou-se com ele
 (QUIROGA, 2018, p. 51)

Entretanto, nota-se uma tentativa do narrador em direcionar a percepção do leitor sobre a personalidade de Maria, sugerindo que ela é uma figura de difícil convivência. De acordo com Ferreira e Matias (2020, p. 6), “[...] percebe-se no texto a insatisfação da personagem feminina, que reclama da falta de carinho e atenção do marido para com ela, pois o joalheiro só vivia para o seu trabalho.” A dedicação excessiva dele ao trabalho é descrita como um impedimento para atender às necessidades emocionais e materiais de sua esposa, resultando na ausência de diálogo e afeto no relacionamento conjugal.

Desse modo, ao analisar a dinâmica entre os personagens no conto, é crucial ressaltar a atuação do narrador em terceira pessoa. Segundo Ferreira e Matias (2020, p. 6), o narrador se posiciona de maneira distinta ao longo da narrativa, conforme no trecho abaixo:

[...] há que se fazer uma ressalva em relação à conduta do narrador, em terceira pessoa, no texto de Quiroga, visto que o mesmo se coloca, ao longo da narrativa, nitidamente a favor de Kassim, tentando passar para o leitor a ideia de que María era uma mulher fútil e interesseira, que não reconhecia o esforço que o marido dedicava ao trabalho dele. (FERREIRA e MATIAS, 2020, p. 6)

Além disso, em consonância com Jouve (2002), é relevante ressaltar a conexão da interpretação literária com as vivências pessoais de cada leitor, como ele define em sua terceira dimensão da leitura, conforme é explicitado pelo autor:

O encanto da leitura provém, em grande parte, das emoções que ela suscita. Se a recepção do texto utiliza as capacidades reflexivas do leitor, ela também influencia, talvez até principalmente, sua afetividade (JOUVE, 2002, p. 19).

Portanto, reconhece-se que a reação de cada leitor diante de um texto é única, uma vez que suas experiências, vivências e simbologias são singulares. A obsessão de Maria pelas joias assume uma dimensão quase sobrenatural, como o narrador atesta no trecho: “[...] teve que ir até o quarto para ver sua mulher, que estava em plena crise de nervos. O cabelo tinha se soltado e os olhos saíam das órbitas” (QUIROGA, 2018, p. 51).

Dentro do contexto da representação das mulheres na literatura, “O Solitário” retrata a esposa como alguém oprimida pela falta de amor. Sentindo-se aprisionada em um casamento que não a satisfaz, ela busca a felicidade e a realização pessoal através das joias criadas por seu marido.

Ao considerarmos esses elementos na interação com a obra de Quiroga, é crucial reconhecer como as experiências pessoais, vivências e simbologias ganham novas perspectivas e interpretações diversas.

O desfecho do conto ocorre quando Kassim comete um ato terrível e simbólico: ele crava o solitário, a joia que ela tanto desejava, em seu coração. Tal ato não apenas representa a obsessão de Maria pela joia, mas também se torna um símbolo trágico da ausência de amor entre eles. Após o assassinato, o esposo demonstra frieza e falta de remorso ao se retirar silenciosamente, deixando sua esposa morta para trás, como demonstra a passagem do conto:

Não havia muita luz. O rosto de Kassim adquiriu, de súbito, uma dura imobilidade e, suspendendo um instante a joia à flor do seio desnudo, mergulhou - firme e perpendicularmente, como se fosse um prego - o alfinete inteiro no coração da mulher. Houve uma brusca abertura de olhos, seguida de uma lenta queda de pálpebras. Os dedos se arquearam, e nada mais. A joia, sacudida pela convulsão do órgão ferido, tremeu por um instante,

desequilibrada. Kassim esperou um momento. E quando o solitário ficou, por fim, perfeitamente imóvel, pôde então retirar-se, fechando a porta atrás de si sem fazer barulho (QUIROGA, 2018, p.53).

Nesse momento, o coração, frequentemente considerado o símbolo do amor, revela-se vital e, ao mesmo tempo, fatal. O coração, originalmente um símbolo de afeto e vida, transforma-se em um ponto de tragédia quando perfurado pela joia. Desse modo, o solitário, considerado muito imponente, tanto que pode ser usado de forma solitária, transforma-se em um instrumento fatal quando inserido no coração de Maria. A imagem desse órgão vital torna-se altamente simbólica na narrativa.

Conforme Zambrano (1993, p. 23) observa, “[...] o coração é a víscera mais nobre porque arrasta consigo a imagem de um espaço, de um interior obscuro, secreto e misterioso, que em algumas ocasiões se abre.” A morte de Maria, por meio da inserção do solitário no coração, simboliza não apenas a perda física, mas também a ruptura do desejo, da esperança e, em última instância, da vida emocional e interior da personagem. O espaço obscuro, secreto e misterioso mencionado por Zambrano pode ser interpretado como o âmago emocional e psicológico da esposa.

Assim, o momento em que Kassim “presenteia” Maria com a joia desejada é descrito de maneira a adicionar uma sensação de horror à trama. O autor utiliza a escrita para acentuar essa cena, criando um ambiente de inquietude e desconforto no leitor. A entrega do objeto precioso, algo esperado e desejado, é subitamente transformada em um ato terrível, carregado de simbolismo e tragédia, resultando em uma reviravolta macabra na história.

As considerações de Jitrik (1959) sobre a maestria literária de Horacio Quiroga são reveladoras quanto ao talento do autor. Ao mencionar a obra *Contos de Amor, Loucura e Morte*, na qual está inserido o conto em análise, Jitrik ressalta a excelência narrativa presente nesse conjunto de contos, apontando para o nível máximo de perfeição alcançado pelo autor, conforme no trecho:

La mezcla se da también en Cuentos de amor, de locura y de muerte, donde la perfección narrativa alcanza su grado quizás más alto dentro de toda su producción, por la seguridad de los medios empleados y el rigor con que son trabajados (JITRIK, 1959, p. 112)⁷.

⁷ A mescla também se dá em *Contos de amor, de loucura e de morte*, em que a perfeição narrativa alcança seu grau talvez mais alto dentro de toda sua produção, pela segurança dos meios empregados e o rigor com que são trabalhados (Tradução nossa).

Nesse contexto, a morte é não apenas um desfecho inevitável, mas um fio condutor essencial que permeia e direciona grande parte das situações desenvolvidas pelo autor. Segundo Jitrik (1959, p. 113), “[...] *la muerte es la variante y cauce en el que se resuelve la mayor parte de las situaciones que describe*”⁸. Ela não apenas encerra histórias, mas desempenha um papel fundamental na construção dos enredos, muitas vezes atuando como uma força que influencia o desenrolar dos eventos narrativos. Essa reflexão ressalta a importância desse elemento temático na obra de Quiroga, revelando que a morte é um componente narrativo crucial para a resolução dos conflitos e situações nas histórias do autor.

A visão de Quiroga sobre a morte é apresentada de forma desprovida de adornos ou romantização. O autor retrata a morte como um evento natural, tratada como um ponto final, sem rodeios ou ilusões, oferecendo uma visão direta e impactante desse aspecto da existência humana em suas narrativas, conforme podemos observar na narrativa.

Quiroga, reconhecido por sua maestria narrativa, demonstrou um profundo entendimento dos princípios literários, explorando-os de forma magistral em suas obras. Em consonância com essa habilidade, o crítico Martin (1997) destaca a consciência de Quiroga em relação a esses princípios, ressaltando o domínio com o qual ele desenvolveu suas narrativas:

*Horacio Quiroga fue plenamente consciente de estos principios y ahondó con magistral dominio la narrativa en dicha dirección. La ‘verdad’ de sus narraciones tiene que ver con la organización de lo que él ha querido mostrar y con la fuerza, inundada de originalidad. El espacio, los personajes (hombres, animales o cosas), la construcción inteligente del clima del horror, conforman en la narrativa quiroguiana ese mundo cuyos secretos maneja con gran dominio. Ante la duda, la literatura fantástica quiebra todo proceso de causalidad y de ordenamiento lógico (MARTIN, 1997, p. 196).*⁹

Em relação aos elementos da narrativa, percebem-se os recursos estilísticos utilizados pelo autor para construir sua unidade de efeito ao longo da trama. Soares (2017, p. 16) considera a “[...] teorização do espaço, de forma a demonstrar que este elemento da narrativa é mais que um pano de fundo.” Em relação ao espaço em “O Solitário”, observa-se que a história se desenrola no interior de uma casa. Em consonância com Paula (2012, p. 70), “[...] a casa é um

⁸ “a morte é a variante e causa no que se resolve a maior parte das situações que descreve” (Tradução nossa).

⁹ Horacio Quiroga foi plenamente consciente desses princípios e aprofundou com magistral domínio a narrativa em dita direção. A “verdade” de suas narrações tem a ver com a organização do que ele quis mostrar e com a força. Inundada de originalidade. O espaço, os personagens (homens, animais ou coisas), a construção inteligente do clima de horror, conformam na narrativa quiroguiana esse mundo cujos segredos manuseio com grande domínio. Diante da dúvida, a literatura fantástica quebra todo o processo de casualidade e ordenamento lógico (Tradução nossa).

micro-universo constituído por um corpo de imagens que podem ser segmentadas em outras imagens, representadas pelos cômodos da casa.”

No conto de Quiroga, destacam-se dois espaços: a oficina de Kassim: - “[...] ainda continuava em seu quarto, transformado em oficina debaixo da janela” - e o quarto do casal: “Experimentava a joia em frente ao espelho, deixava-a em algum lugar, e ia para o seu quarto. Kassim levantava ao ouvir seus soluços, e a encontrava na cama, sem querer escutá-lo”, “Procurou novamente nas gavetas”, “[...] colocou a joia sobre o criado-mudo”, “Ao voltar, sua mulher estava sentada na cama”, “[...] teve que ir ao quarto ver sua mulher, que estava em plena crise de nervos” (QUIROGA, 2018, p. 47-51).

Nesse sentido, considerando a teoria proposta por Bachelard (1998, p. 35), o qual afirma que os cômodos da casa representam centros de tédio, centros de devaneio, centros de solidão, centros de obscuridade, etc., compreende-se que, embora fossem um casal, eles se encontravam apenas nos momentos de tensão. Kassim passava a maior parte do tempo em sua oficina, espaço que representa sua profissão e seu trabalho excessivo. Já Maria passava a maior parte em seu quarto, símbolo de sua solidão no relacionamento, seus devaneios e sua obsessão pelas joias que seu marido fazia.

O quarto assume um papel central no conto, pois é lá que Maria é assassinada covardemente, dormindo. Representando o espaço de intimidade do casal, o quarto consolida-se como o local onde se manifesta o amor. Contudo, essa reviravolta trágica no espaço do quarto não apenas choca, mas também ressignifica sua importância na trama, destacando-o como um elemento simbólico crucial para a compreensão da narrativa. O espaço, que inicialmente parecia ser o refúgio do amor, revela-se como testemunha silenciosa de uma virada sombria, onde a violência se interpõe naquilo que deveria ser um santuário de afeto e proximidade.

Em relação ao tempo da narrativa, dado o caráter do gênero como uma história curta, percebemos a temporalidade de forma condensada. Há uma alternância entre o dia e a noite, evidenciando a passagem do tempo de maneira concisa. A temporalidade expressa o árduo trabalho de Kassim, como exemplificado nas passagens: “trabalhou essa noite até as três da madrugada”, “Comecei na terça” e “Uma tarde, quando guardava as joias” (QUIROGA, 2018, p. 49).

De modo simultâneo, revela a ansiedade de Maria pela joia prometida por Kassim, conforme ilustrado em trechos como: “No final do jantar, sua mulher o olhou de frente” e “Acordou quando já era tarde. Uma hora depois, ele ouviu um grito” (QUIROGA, 2018, p. 49-53). Entretanto, o momento fatídico da morte de Maria chega e é marcado pelas horas do

relógio: “Às duas da manhã, Kassim terminou seu trabalho” (QUIROGA, 2018, p. 53), representando o elemento insólito na trama.

Pode-se observar em Acosta (2019, p. 2) que “Quiroga explora magistralmente a diminuição da luminosidade e o pôr-do-sol como elemento que intensifica a tensão da narrativa no momento em que o espectro da morte se manifesta, ceifando a vida das personagens [...]”. No ápice da narrativa, Quiroga descreve uma cena intensamente simbólica.

A falta de luminosidade do ambiente, sinalizada pela ausência de luz, empresta uma aura sombria ao desenrolar dos acontecimentos. É nesse cenário simbólico de crescente escuridão que intensifica a tensão narrativa, culminando no momento derradeiro em que a morte se manifesta, levando os personagens para além da existência terrena.

Quanto à simbologia do “solitário” cravado no coração de Maria, é necessário esclarecer sua definição: um solitário é um diamante grande inserido numa joia. Desse modo, o título da trama apresenta uma ambiguidade significativa. Por um lado, “solitário” se refere a uma joia notável, que ostenta uma única pedra preciosa central, transmitindo magnificência e destaque à peça de joalheria. Por outro lado, também abrange o estado emocional do joalheiro, que se dedica ao seu ofício, mesmo sendo casado e, teoricamente, tendo uma companheira.

O espelho desempenha um papel simbólico significativo na trama. Maria utiliza o espelho para experimentar as joias, proporcionando uma visão mais profunda de seus ideais de uma vida luxuosa. À medida que ela continua a experimentar os objetos, sua loucura se intensifica, manifestando-se em crescente tristeza e uma obsessão cada vez maior. Isso é evidenciado no trecho: “[...] e assim que ele preparava a joia, corria com ela para se ver no espelho. Depois, um ataque de choro” (QUIROGA, 2018, p. 49).

O espelho, como testemunha silenciosa, reflete não apenas a imagem física de Maria, mas também revela as transformações psicológicas e emocionais que ela atravessa durante sua interação com as joias, destacando a complexidade de suas aspirações e a deterioração de sua saúde mental: “Dez vezes por dia interrompia seu marido para se olhar com o brilhante no espelho. Depois o experimentava com diferentes vestidos” (QUIROGA, 2018, p. 51).

A simbologia do título do conto é intensa e sugere que o ato do marido de dar-lhe o amor que ela tanto ansiava foi destrutivo, representando a manipulação e o controle dos desejos e necessidades dela. Essa ação simbólica demonstra como o protagonista tenta exercer poder sobre Maria, mas, ao fazê-lo, traz a ruína e a tragédia para ambos. Nesse contexto, o termo evoca uma conotação de solidão e isolamento emocional, sugerindo que, apesar do casamento, o joalheiro parece sentir-se sozinho e possivelmente insatisfeito em seu relacionamento.

De modo geral, ambos os contos compartilham uma abordagem literária sombria e exploram aspectos psicológicos complexos. As histórias mergulham nas profundezas da mente humana e exploram temas como solidão, violência e deterioração mental. No entanto, as características específicas de cada conto variam de acordo com o estilo dos respectivos autores.

Em “O gato preto”, temos uma narrativa de um homem atormentado por seus próprios demônios internos, enquanto “O solitário” retrata um personagem solitário, mesmo que casado, assim como o título do conto, que é levado à violência extrema. Os contos, embora distintos e distantes quanto a contextualização histórica, destacam relacionamentos, levando os protagonistas a cometerem atos terríveis contra suas esposas.

A comparação entre as mortes das esposas é expressiva: a mulher sem nome de “O gato preto”, ferida na cabeça pelo machado, e Maria, de “O solitário”, que foi morta com a joia cravada no coração. Além de serem importantes recursos utilizados por Poe e Quiroga em relação ao sentido de efeito, também pode ser analisada em relação à simbologia do coração e do cérebro, que frequentemente são associados a razão e emoção. O coração é simbolicamente relacionado às emoções, aos sentimentos e ao amor, enquanto o cérebro é associado ao pensamento lógico e à racionalidade. No contexto dos contos, as mulheres são atingidas em diferentes partes do corpo, sugerindo que os atos de violência afetam tanto as emoções quanto a razão.

Entretanto, o fator insólito em ambos os contos acaba se consolidando através do espaço das narrativas. Como salienta Soares (2017, p. 25), “[...] o espaço narrado é algo praticamente impensável, pois sua construção está de tal forma entranhada às personagens que a ele também é devida a impressão de vida, à verossimilhança”. Essa interligação profunda entre o espaço e personagens cria uma atmosfera onde o ambiente descrito não é apenas um cenário estático, mas um elemento dinâmico que influencia ativamente o desenvolvimento da trama. O espaço narrativo não só fornece o pano de fundo para os eventos, mas também se torna parte integrante da história, contribuindo significativamente para a credibilidade e a sensação de realismo na narrativa.

De acordo com as contribuições teóricas de Bourdieu (2002), as relações sociais são permeadas pela dominação masculina e pela submissão feminina, mantendo uma dinâmica sustentada pela violência de gênero. Nesse contexto, ocorrem eventos chocantes, como uma esposa sendo atingida na cabeça por um machado e outra sendo violentada com uma joia cravada em seu coração. Além disso, essas personagens apresentam comportamentos distintos: uma sendo paciente e a outra histérica. Os autores conseguem prender o leitor através de uma sequência de imagens intensas.

Enquanto Poe envolve o leitor por meio da perturbação psicológica, Quiroga adota uma abordagem mais objetiva e natural, apresentando diálogos em seu conto.

Em conclusão, a abordagem da morte e do morrer na literatura de Edgar Allan Poe e Horacio Quiroga revela a profunda fascinação desses escritores pelos aspectos sombrios e inevitáveis da existência humana, perpassando outros temas, como o vício e a loucura. Nos contos, podemos identificar a presença do amor, da loucura e da morte como temas interligados que contribuem para a complexidade das narrativas.

Em “O Gato Preto”, o protagonista demonstra inicialmente um amor profundo por seus animais de estimação, especialmente pelo gato Pluto. No entanto, essa afeição se deteriora à medida que sua própria loucura aumenta, levando-o a cometer atos violentos e cruéis contra seus animais e sua esposa. O amor que ele sentia pelos animais se transforma em ódio e, conseqüentemente, em morte. A loucura do protagonista é o combustível para as ações trágicas, pois sua mente perturbada o impulsiona a cometer atos terríveis.

Da mesma forma, em “O Solitário”, a trama é permeada pelo amor, representado pelas joias que o protagonista cria. No entanto, esse amor é distorcido e obsessivo, refletindo a loucura emocional do joalheiro Kassim. Sua insatisfação e obsessão com o trabalho e as joias o levam a um caminho destrutivo, em que seu amor se transforma em violência e morte. O solitário cravado no coração de Maria simboliza a manifestação extrema dessa loucura e violência, resultando em uma tragédia fatal.

Ao entrelaçar os temas do amor, da loucura e da morte, esses contos apresentam uma visão sombria e provocativa da natureza humana e das relações interpessoais, convidando o leitor a refletir sobre a complexidade das emoções e a vulnerabilidade do ser humano. Enquanto Poe nos envolve em atmosferas góticas e nos leva a explorar os recantos mais obscuros da mente humana, Quiroga nos confronta com a morte de maneira mais crua e realista, revelando a fragilidade da vida em situações extremas.

Ambos os autores nos convidam a refletir sobre a finitude da vida e a confrontar nossos medos e angústias diante da morte. Suas narrativas intensas e perturbadoras despertam emoções profundas nos leitores, levando-nos a questionar nossa própria existência e a enfrentar a inevitabilidade do fim. Suas obras nos lembram que a morte é uma parte intrínseca da condição humana e nos convidam a contemplar a mortalidade como uma oportunidade para buscar significado e plenitude na vida.

Em suma, a literatura de Poe e Quiroga nos leva a um território misterioso e perturbador, onde a morte se torna uma presença palpável. Nos dois contos em questão, a morte adquire uma presença concreta e tangível. Essas narrativas exploram de maneira intrincada as interconexões

entre amor, insanidade e morte. A deterioração mental dos protagonistas emerge como um elemento crítico, catalisando a metamorfose do amor em ódio e, em última instância, culminando na tragédia da morte.

Além disso, a presença de violência nos contos destaca de que forma a insanidade pode induzir a ações extremas e irreversíveis, impactando não somente as vítimas, mas também aqueles que as perpetraram. O que torna a experiência de leitura dos contos de Quiroga singular é a capacidade de proporcionar uma experiência psicológica e estética que culmina em um efeito final de impacto máximo, surpreendendo o leitor e deixando-o sobressaltado. A transcendência de seus finais é delineada minuciosamente desde as primeiras linhas dessas narrativas, estabelecendo uma base sólida para a narrativa.

Em relação ao debate sobre o amor, a loucura e a morte nos dois autores, nota-se que o amor é o elo que une os dois casais de alguma forma. Seja o amor conjugal, a ideia de compartilhar a vida a dois, ou os planos do que estava destinado a acontecer. A loucura, por sua vez, se manifesta motivada por razões distintas: em “O Gato Preto”, a loucura do narrador está associada à figura do gato que dá título ao conto. Enquanto em “O Solitário”, a loucura se desenvolve na esposa Maria, alimentada por sua obsessão por joias, possivelmente influenciada pelo afastamento do esposo. O ato de Kassim, ao assassinar sua esposa, também pode ser interpretado como um comportamento insano, embora o narrador não expresse claramente.

A morte nos contos é o desfecho lógico, embora os autores a abordem de maneiras diferentes. Em “O Gato Preto” testemunhamos duas mortes: o do gato Pluto e o da esposa sem nome. Essas mortes revelam a loucura e a deterioração mental do narrador. Em contraste, em “O Solitário”, há apenas uma morte, também um assassinato. O desfecho do conto, ocorre como uma forma de punição imposta por Kassim a Maria. Isso acontece porque ela o expôs socialmente, ao desejar viver uma vida que o marido não poderia oferecer, com luxos e joias. Tal atitude é vista como uma afronta à capacidade de Kassim de prover tudo o que ela desejava, incluindo as joias e a ascensão social. Assim, a obsessão de Maria pelas joias acaba ferindo o ego masculino de Kassim, levando-o a sentir-se como se não fosse bom o suficiente. Entretanto, em ambos os contos, que possuem diversos pontos em comum, vemos o amor do casal se perdendo no meio da loucura ao longo da trama, culminando, por fim, com o assassinato das esposas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos contos de Edgar Allan Poe e Horacio Quiroga revela uma profunda incursão no universo do horror e da morbidez na literatura. Ambos os autores exploram de maneira única os recessos mais sombrios da psicologia humana, desvelando temas como culpa, violência, insanidade e a sutil fronteira entre o sobrenatural e o racional. Os contos escolhidos, “O Gato Preto”, de Edgar Allan Poe, e “O Solitário”, de Horacio Quiroga, forneceram um terreno fértil para a análise comparativa.

Edgar Allan Poe, mestre da literatura de horror, apresenta uma visão da morte que desafia limites morais, explorando os recantos mais obscuros da mente humana. Seus contos são repletos de simbolismo e metáforas, revelando o terror enraizado em nossa própria consciência. Por outro lado, Horacio Quiroga adota uma abordagem mais objetiva e realista ao lidar com a morte, explorando-a como um evento inerente à vida cotidiana.

Ambos os autores conseguem criar personagens complexos e atormentados, enriquecendo suas narrativas com detalhes vívidos que cativam os leitores. A análise comparativa proporciona uma compreensão mais profunda das complexidades dessas narrativas e de seu impacto duradouro na literatura de horror.

Em síntese, a análise dos contos de Poe e Quiroga oferece uma exploração aprofundada dos temas do medo, culpa e loucura, destacando como esses renomados autores abordam a temática da morte de maneiras distintas. Suas obras continuam a cativar e perturbar os leitores, evidenciando a relevância e o impacto duradouro do horror na literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, Juan Carlos. Três contos de morte de Horacio Quiroga. **Revista PHILIA** | Filosofia, Literatura & Arte, v. 1, n. 2, p. 575-595, 2019.

ARAUJO FILHO, Maurício Ferreira de. **As personagens femininas de Edgar Allan Poe e as de Paulo Biscaia Filho**. 2015. 117 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade - PPGLI) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2015.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002

ČADOVÁ, Romana. La influencia de Edgar Allan Poe en Horacio Quiroga. **Études romanes de Brno**, vol. 37, nº 1, p. 149-157, 2007.

CAMARGO, Ailton Luiz. **O horror em Horacio Quiroga**. 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

CASTILLO. Abelardo 1996. Liminar: Horacio Quiroga. In: **Horacio Quiroga: Todos los cuentos. edición crítica**. São Paulo. EDUSP. Colección Archivos. 2ª edição.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. 4. ed. Trad. Renée Eve Lievé. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

ENGLEKIRK, John E. **Influencia de Poe en Quiroga**, Nume I, N.4, septiembre-octubre, 1949, p. 323–339.

FERREIRA, M. da F.; MATIAS, F. dos S. A representação da violência contra a mulher no conto El Solitario, de Horacio Quiroga. **Literatura e Autoritarismo**, [S. l.], n. 35, 2020.

GOTLIB, Nádia Battella. (1990) **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 2006. Série Princípios.

JITRIK, Noé. **Horacio Quiroga: una obra de experiencia y riesgo**. Buenos Aires: Ediciones Culturales Argentinas. 1959.

JOUBE, V. O que é a leitura. In: **A leitura**. Trad. Brigitte Hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 17 a 33.

LAFFORGUE, Jorge. Introducción biográfica y crítica. In: Quiroga, H. **Los desterrados y otros textos**. Madrid 1990, p. 7–97.

MARMORATO, Lília Maria Soares. **A expressão artística do medo nos contos de Edgar Allan Poe**. Mestrado em Letras. Universidade Metodista de Piracicaba. 1979.

MARTÍN, Norma Pérez. **Testimonios autobiográficos de Horácio Quiroga: Cartas y diario de Viaje**. Buenos Aires: Corregidor, 1997.

OLIVEIRA, Bruno Silva de. **Onde o bicho papão se esconde: o medo dos animais na literatura fantástica**. 2014. 113 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal de Goiás. Catalão, 2014.

PAULA, Breno Rodrigues de. **Estudo comparativo acerca do espaço e do tempo em O gato preto e O processo**. 2012, 114 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2012.

POE, Edgar Allan. A filosofia da composição. In: **Ensaio e poemas**. Trad. Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Globo, 1987. p. 109-122.

POE, Edgar Allan. **Contos de Imaginação e Mistério**. Tradução: Cássio de Arantes Leite. São Paulo: Tordesilhas, 2012.

QUIROGA, Horacio. Decálogo del perfecto cuentista. In: **Los desterrados y otros textos**, 1927, p. 407.

QUIROGA, Horacio. **Contos de amor, de loucura e de morte**. Tradução: John Lionel O’Kuinghttons. Rio de Janeiro: Hedra, 2018.

ROAS, David. La amenaza de lo fantástico. In: ROAS, David (Org.). **Teorías de lo fantástico**. Madrid: Arco/Libros, S.L., 2001, p. 07 – 44.

SILVA, Antonia Marly Moura da; LEITE, Francisco Edson Gonçalves. Sob o domínio do duplo: um estudo comparativo de dois contos de Ignácio de Loyola Brandão. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, p. 297-318, 2018.

SOARES, Caroline Ferreira. **Espaços e personagens em Vozes da selva, de Horácio Quiroga: abrindo caminhos para a literatura hispano-americana nas aulas de LE**. 2017, 97 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

SPILLER, Robert E. **O ciclo da literatura norte-americana: ensaio crítico-histórico.** Tradução: Léo Gilson Ribeiro. Rio de Janeiro: Fundo de cultura, 1961.

STAHL, Scheila. **De-construcción del imaginario de la frontera en cuentos de Horacio Quiroga.** 2015. 110 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Sociedade) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2015.

ZAMBRANO, María. **A Metáfora do Coração, tradução de José Bento.** Lisboa: Assírio & Alvim, 1993.